

# Diversão & Arte

» PEDRO IBARRA

Os Estados Unidos não são mais um só país. As regiões ao oeste do país se unem e formam exércitos para tomar a Casa Branca e instaurar uma nova realidade social após o presidente exercer mandatos autoritários e piorar a qualidade de vida dos norte-americanos. O país vira um grande campo de guerra e jornalistas de todas as partes e veículos precisam acompanhar de perto essas batalhas sangrentas que se desenvolvem em vários pontos da nação. Esse é o enredo de *Guerra civil*, novo longa da A24 dirigido por Alex Garland e protagonizado por Kirsten Dunst e Wagner Moura.

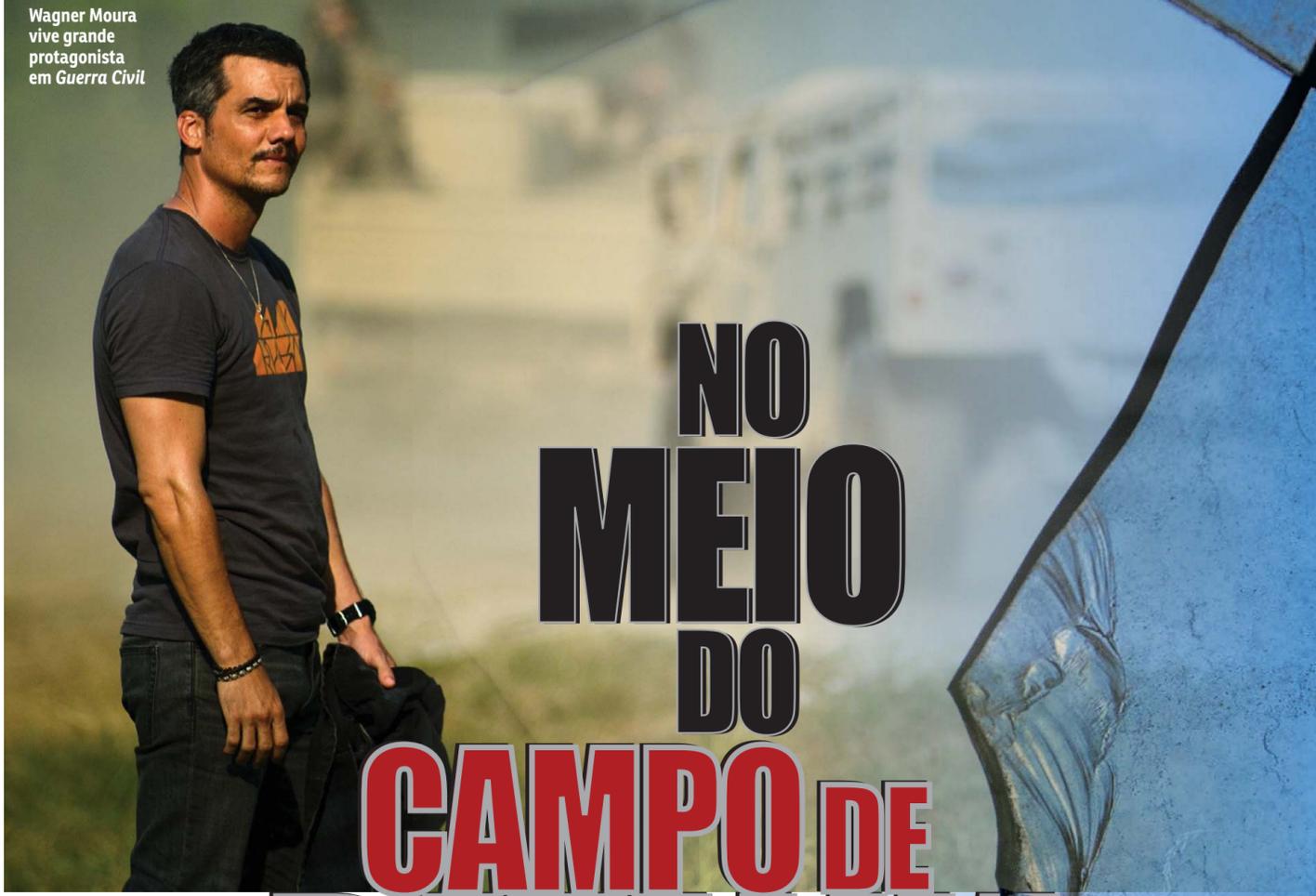
O longa segue uma fotógrafa e um repórter da Reuters que estão em busca de fazer o que ninguém teria coragem, uma entrevista com o presidente dos Estados Unidos horas antes de Washington DC ser invadida pelos exércitos rivais que têm o intuito de executar o líder máximo do país. Lee, personagem de Dunst, vive um impasse, uma vez que não entende mais o sentido de viver e fotografar tantas desgraças; enquanto Joel, interpretado por Moura, se entorpece da adrenalina da guerra, além de álcool e remédios controlados. Se juntam à jornada Jessie, uma jovem que sonha em ser uma fotógrafa de guerra como Lee, vivida pela atriz Caillee Spaeny; e Sammy, um repórter idoso que nunca conseguiu largar o osso do jornalismo e serve de anção para o grupo. O grandioso Stephen McKinley Henderson interpreta esse personagem.

O filme, para além do drama dos personagens, é uma discussão sobre a forma como os Estados Unidos e o mundo como um todo estão passando por um período sombrio de dois lados muito bem delimitados em constante conflito. “Esse é um filme que fala de muita coisa, mas é, sobretudo, um alerta para os perigos da polarização, de tratar tudo como preto no branco”, afirma Wagner Moura em entrevista ao *Correio*. “Na minha opinião, a maior ameaça às democracias modernas hoje é essa dicotomia”, pontua o ator, que garante que de preto e branco só as fotografias da personagem de Spaeny.

A base do filme é a crítica aos dois lados, a todo momento são mostradas as dimensões perversas dessa dicotomia que Wagner Moura menciona. Os jornalistas que estão na caminhada pela notícia se mantêm neutros na situação que é crítica e não tomam qualquer posição. Afinal, a ideia não é levar o público a dizer o que é certo ou errado e, sim, mostrar as mazelas desta guerra na perspectiva de quem entende os campos de batalha como civil e não como soldado. “Este é, evidentemente, um filme político, mas não toma partido, ou tem nenhuma orientação ideológica, se não jamais seria um filme anti-polarização ou anti-guerra da forma como se propõe”, destaca Moura. *Guerra civil* não toma um lado, mas em momento nenhum se mantém em cima do muro.

Segundo o balanço de 2023 do portal *Repórteres Sem Fronteiras*,

Wagner Moura vive grande protagonista em *Guerra Civil*



ao menos 45 jornalistas morreram no exercício da profissão e, aproximadamente, 521 outros profissionais da comunicação estão presos em situações arbitrárias por puramente exercerem a própria profissão. A importância de um filme como *Guerra civil* é justamente despertar a consciência de um público sobre como o jornalismo tem sido tratado em uma era de extremos e polarizações. “A polarização é também bastante influenciada pelo declínio do jornalismo como instituição importante da democracia e o avanço das narrativas falsas, fake news e das bolhas em que conservadores só consomem conteúdos conservadores e progressistas da mesma maneira”, afirma o ator.

Os personagens dos filmes vivem um cotidiano de maldade que os deixa mal acostumados ou até anestesiados, mas, ao mesmo tempo, isso é parte do trabalho. “É um pouco contraditório, porque um jornalista como Joel está no front há muito tempo, já viu muita coisa. Ele, de certa forma, está anestesiado, as imagens não o chocam mais. No entanto, o trabalho dele é trazer essas histórias e imagens para de alguma forma sensibilizar as pessoas sobre os horrores da guerra”, analisa o ator, que estudou para passar justamente o ponto de vista por Alex Garland, que além de dirigir, roteiriza a história. “Li muitos livros e conversei com vários jornalistas que estavam na front de guerra, principalmente para saber

o que eles sentiam. Não era para saber como eles faziam o trabalho deles, mas o que o cara sente sendo um civil no meio dos campos de batalha”, comenta.

Wagner Moura faz um paralelo do longa que se concentra na realidade que o mundo vive após a pandemia e com acesso maior, mais fácil mais rápido à informação a todo tempo. “A discussão é mais profunda, porque tem tanta imagem. Às vezes, fico vendo meus filhos com os aplicativos que ficam passando uma imagem atrás da outra. Isso me faz pensar se, nessa saturação, o trabalho de sensibilizar ainda afeta as pessoas”, reflete.

Wagner compara a vida do jornalista de guerra a de um soldado, ou de um policial do Bope que sobe os morros, como Capitão Nascimento, que interpretou em *Tropa de elite*. Para o ator, é preciso encontrar um estado mental que impeça que os questionamentos sejam maiores que o retorno que um trabalho tão frio e difícil traz. “São vários questionamentos que passam por esses personagens e eles

**WAGNER MOURA COMENTA GUERRA CIVIL, FILME CRÍTICO À POLARIZAÇÃO POLÍTICA, QUE É A PRINCIPAL ESTREIA DA SEMANA NOS CINEMAS BRASILEIROS**

## Amor à vida

Jornalista de formação, Wagner Moura interpreta o segundo repórter recente na carreira. “Antes de fazer *Guerra civil*, eu fiz uma série que se chamava *Iluminadas*, da Apple TV+, em que eu interpretava um jornalista investigativo. Foi um barato, porque eu tive a oportunidade de me reconectar bastante com o jornalismo, os jargões e todas essas coisas”, lembra o ator, que

aprendeu novidades no novo personagem. “O jornalismo de guerra é um negócio muito diferente. Eu nunca tinha conhecido um correspondente de guerra e olha que a maioria dos meus amigos em Salvador são jornalistas. Mas é, realmente, outro mundo”, pontua.

Essa vontade de seguir e aprender de Moura se reverte nos papéis que aceita fazer. Seja na vontade de lutar do Capitão Nascimento, no bom humor de John Smith, na série *Sr. e Sra. Smith*, ou no apetite pela pauta de Joel, os personagens de destaque do ator são enérgicos e gostam de viver. “Eu gosto muito de personagem que quer viver. Gosto muito de assistir filmes nos quais vejo que o personagem tem uma vontade de estar vivo. Gosto muito de ver personagem dançando, gosto de cenas de sexo, quando bem filmadas. Porque tudo isso tem uma coisa de vida, de estar vivo, de querer seguir existindo”, conta. “Eu tenho tesão pela vida e pelo que faço e gosto de ver isso no cinema, nos filmes”, complementa.

## A saga do futuro

Há pouco menos de um ano, um projeto ousado encabeçado por Zach Snyder em parceria com a gigante do streaming Netflix chegou e assumiu o topo dos mais assistidos da plataforma. O longa *Rebel moon* veio com a proposta de ser uma saga própria de ficção científica, sem se basear em livros, ou em nenhuma outra obra prévia. A partir de amanhã, a segunda parte dessa história estará disponível com mais ação e uma resolução do que ficou em aberto em 2023.

O novo filme apresenta a segunda parte da história de Kora (Sofia Boutella), uma jovem adotada por um sanguinário general e treinada para ser uma máquina de guerra. A personagem principal, arrependida dos próprios atos, foge e se refugia com camponeses em um planeta inofensivo. A narrativa central é desenvolvida em torno de

uma pequena vila na lua Veldt, que desperta a ira do general por estar protegendo Kora. Novas revelações entrelaçam a vida da protagonista com o destino do universo.

Alguns traços da história, se destrinchados, podem ser tratados como semelhantes a outras obras. No entanto, o cerne principal do filme é original. “É legal também ver um projeto novo, com ideias novas, algo inovador. Apesar de dar para relacionar com aspectos que vêm de outros filmes, porque fazemos com o que conhecemos”, analisa Sofia Boutella ao *Correio*. “Interessante ver que um mundo novo completo surgiu. Vemos várias coisas se repetindo e pouca gente ousando fazer algo novo como a Netflix e o Zach fizeram”, exalta.

*Rebel moon* traz consigo uma mitologia e uma estética muito



bem apresentadas na tela. “É uma honra e um tanto quanto surreal. Eu me lembro a primeira vez que vi o primeiro filme, não conseguia imaginar eu mesmo fazendo parte daquilo. *Rebel moon* já é muito parte da cultura da ficção científica mundial” destaca Michiel Huisman, que vive Gunnar no longa e está muito animado com toda a experiência. “É como um sonho de criança.”

Contudo, a grandeza do longa ainda não chega perto do que o diretor e autor Zach Snyder imagina para a história. “Pensando na mitologia criada, o que é visto nos dois primeiros filmes é só a ponta do iceberg”, conta. “O sentimento é de um filme gigante, mas o cenário é simples e pequeno. As implicações, porém, são imensas. O futuro, com certeza, guarda uma grande batalha”, complementa.

## Cena de *Rebel Moon - Parte 2: a marcadora de cicatrizes*

### A mão que tudo fez

Responsável pelo não tão bem-sucedido universo cinematográfico da DC Comics, tendo comandado os criticados filmes *Homem de aço*, *Batman vs. Superman* e *Liga da Justiça*, Zach Snyder encontrou em *Rebel moon* a oportunidade de fazer algo com a própria cara e ideias e partir da estaca zero. O cineasta assina direção, produção, roteiro e cinematografia do filme. “Tem até uma música que não entrou que eu fiz parte da letra. Então eu estou realmente muito, mas muito, envolvido”, brinca Snyder.

O que não podia faltar da já conhecida assinatura de Snyder era um corte do diretor. Ele que conseguiu criar um movimento para liberar um corte de quatro horas de *Liga da Justiça* em 2020, agora

prometeu 6 horas de filme, somando as duas partes de *Rebel moon*, para o último trimestre de 2024. “Esses filmes vão representar uma versão muito mais pessoal, sem anotações vindas de outras pessoas”, antecipa.

O diretor explica que, na ideia original, os filmes seriam para maiores de 18 anos e contariam com uma exacerbada violência explícita e cenas de sexo. Porém, pelo alto potencial de retorno da história, a escolha foi por cortar os excessos e entregar uma história que pudesse ser vista por um público mais amplo. A ausência dessa escolha inicial fez com que o filme perdesse características que interessavam ao cineasta. “Havia uma ironia que se perdeu na versão adaptada para o público mais amplo, o filme ficou até um pouco mais sério sem a violência e o sexo”, comenta. (PI)